

Os pequis de couro

MAURO SANTAYANA
Colaborador

Chamam-lhe "a Ilha da Fantasia". Em tempos antigos, quando o quadrilátero não passava de uma hipótese no planalto goiano, o luggar era conhecido como "o Assombrado". Um mistério fazia daquele páramo, perdido nos elevados sertões do Melo, um lugar extremamente seco. Os pássaros desprazavam a vegetação mirrada, de frutos pecos, quando os havia em outonos chuvosos. Os bois, ao percorrer os vazios, disparavam: o cheiro brando da água puxava-lhes as grossas narinas. Era, nos áridos cerrados, o cerrado mais árido.

Chamam-lhe "a Ilha da Fantasia". Na verdade, por um purrão dialético, Brasília foi e está sendo o ponto de baldeação da conquista do território. Daqui partiram estradas loucas e pioneiras. A uma delas, que leva ao norte, um certo matogrossense chamou "picada de onça", quando Juscelino mandou Bernardo Sayão abri-la. Outra corre para o extremo oeste. Em volta, continuam os cerrados bárbaros, que gaúchos civilizam com soja, ovelhas e chimirão.

Mas é uma ilha, verde em volta do lago que a ampara, na magistral concepção de Lúcio Costa. Verde e rica. Espantosamente rica, sendo uma cidade imaginada e construída para ser apenas o centro político e administrativo do País. Que indústrias há em Brasília, que expliquem tantas e tão maravilhosas mansões do Lago, Península dos Ministros à parte? Há por acaso ouro entre as raízes dos pequizeiros? Diamantes distraídos no meio do cascalhal vermelho?

A opulência de Brasília não pode ser explicada dentro da razão comum dos homens. Ela só pode ser explicada pelo milagre. Aquele, que vocês conhecem.

Com todas as alucinações, a alucinação do milagre passa. Passa, e em seu lugar, depois do momento de estupor que sucede as aparições luminosas e outros fenômenos, as sombras fazem destacar as coisas, há uma certa e sábia vulgaridade no ambiente, e as pessoas descobrem, brincando no

ar quieto, os fiapos da verdade.

Agora, por exemplo, o Governador do Distrito Federal anda às voltas com tais fiapos da verdade. Eles o molestam como molestam os invencíveis borrachudos do Paranoá. Com todos os pêcos que arrasta em sua intranquila biografia política, José Aparecido é um Quixote que trocou de montaria com seu inexisteente escudeiro, e adquiriu a teimosia ética de Sancho. Teimosia que se disfarça de prudência, às vezes, e que, de acordo com a altura do sol e o calor do mormaço, irrompe com a força e o espetáculo de um redemoinho.

Ocorre que Brasília necessita de água, e o rio São Bartolomeu nasce em uma bacia generosa, no diâmetro e na concavidade do vale, para oferecer o líquido que falta nesta secura. O governador mandou fazer os estudos para realizar o que, há onze anos, o insuspeito governo do general Geisel havia planejado: um lago de água potável para a capital da República. Deparou-se com um obstáculo. As terras, em volta da nascente, têm um dono. Um dono que, no último governo, era encarregado das questões fundiárias do País, logo, entendido no assunto.

Aparecido, prudente, determinou a seu gabinete civil que pedisse ao general as provas de sua propriedade, sabendo-se que tais terras, dentro do retângulo federal, não podem ser transferidas com tanta generosidade. Mais: sabendo-se que desde 1975 (o general as obteve quatro anos mais tarde) a área estava destinada a conter as águas do novo açude.

Ocorre que Brasília não é distrito árido apenas na vegetação e no ar enxuto. Anda também maninha no que se refere à inteligência da maioria de seus candidatos às eleições de 15 de novembro. Um deles, um tal de senhor Roldão, muito conhecido de seus familiares, cuspiu, no horário de propaganda gratuita do TRE, que, na luta contra os lotamentos clandestinos, Aparecido estava atacando generalmente de mãos limpas que haviam cassado em 1964. E, mais: indagou se Aparecido fora mesmo cassado por motivos políticos.

Esse senhor Roldão e coisa nenhuma devem ser a mesma coisa — mas o tempo de televisão, que pertence à democracia, foi usado para a reles insinuação de uma calunia. Se há vida inteiramente conhecida por todos os que são conhecidos neste País e a de José Aparecido. Ele foi cassado, entre outras coisas, porque lhe coube promover a investigação, em 1963, das atividades do famoso IBAD — o instrumento utilizado pelas elites reacionárias do País, em aliança com seus parceiros de fora, para emolir consciências e vértebras, abrindo caminho para o golpe de 31 de março de 1964.

A história recolheu daqueles primeiros dias de abril e dos meses seguintes uma seara de tolices, violências e arbitrio — como a cassação do mandato e dos direitos políticos de José Aparecido. Mas recolheu, da mesma forma, valente protesto de Sobral Pinto, contra esse ato particular de estupidez do regime militar — documento ético que se incorporou às letras jurídicas do País como dos mais fortes papéis desses pesados tempos.

Pode-se divergir politicamente de Aparecido, e muitos de seus amigos dele têm discordado ao longo de sua carreira. Mas foram exatamente as suas virtudes públicas, que ninguém contesta, entre elas insistente ojeriza contra os corruptos, que o incluiu entre os perseguidos pelo regime de 64.

Voltando ao inicio do artigo, as terras do São Bartolomeu lembram as luxuosíssimas mansões do Lago. E já que citamos Shakespeare pela boca de Hamlet, na epígrafe desse artigo, citemos o surradíssimo lugar comum, na boca de Marcellus (Atto I, Cena 5, da mesma Tragédia): "Something is rotten in the state of Denmark".

Oxalá possamos, em breve, mudar o tempo do verbo e dizer que "something was rotten" neste quadrilátero cheio de milagres, entre eles o de cinco hectares se transformarem em mais de duzentos. A famosa árvore das patacas estava aqui. Neste cerrado, os pequis eram d'olho.